

JOSÉ GARDEAZABAL ORIGAMI




COMPANHIA DAS LETRAS

*«E falava com espelhos. Como se sabe,
eles respondem.»*

FLEUR JAEGGY,
Felizes anos de castigo

ÍNDICE

Uma dor	13
O combate	89
E é assim que deve ser	103

Uma dor

«... uma dor imensa, insuportável,
mas bastante humana...»

V LADIMIR N ABOKOV

— Ficas a saber, há uma coisa a viver no sótão. Ou na cave.
Ouvi ruídos.
— Ruídos de cima ou ruídos de baixo?
— Pode ser um animal. Pode ser uma pessoa.
— Pode ser um animal? — insisti.
— Um animal selvagem. Pode ser um animal doméstico —
explicou Hammett. — Ouvi ruídos.

A melhor história não é a que queremos contar, mas a que
somos obrigados a contar. Esta é a minha história. A verdade
é mais importante do que a memória. Esta é a minha verdade.
Às vezes, a felicidade é insuportável. Em minha casa, não há
nada insuportável. Pensem nisso.

O meu pai.
— Gostas de mim?

Eu.
— Nim.

O meu pai acostumou-se ao *nim*. Respondo-lhe quase sempre *nim*. Se sou sincero? Não sou, *nim* senhor.

O nosso prédio tem sete andares, dois apartamentos por andar, além dos espaços vazios. O meu pai, a minha mãe e eu vivemos no segundo direito. Somos família, somos como uma família. O meu nome não interessa, os meus pais chamam-me filho, desconfio que carinhosamente. Lá em casa, o carinho é uma simplificação.

Pronto, já sabem tudo.

Quem mais vive no prédio? Veola, por exemplo, a menina Veola. A senhora Hypolita e uma segunda menina, Julieta, que recorda com entusiasmo o seu namorado morto, que nunca ninguém viu, Julieta tem a certeza de que ele morreu. No prédio vivem um empresário, Prospero, o nome é inventado ou uma metáfora, e um senhor Liar, que gosta de contar histórias. No segundo andar, à nossa frente, vive Beatrice, e, acima de nós, o senhor Ricardo, no terceiro. Uma enfermeira chamada Rosalinda. Um porteiro que bebe, herói desconhecido. Staff, um desempregado. Antonio e Sebastian, os dois vivem juntos no quarto, no quarto andar, Antonio assim mesmo, sem acento. Timon mora no quinto. Antigo marinheiro? E Ariel. Caliban. Cordelia e Desdemona. Hal, apaixonado por computadores. Katrina, Brutus, Portia e Polónio, Titania. Puck, um miúdo como eu, disso não existem certezas.

Repararam com certeza que não atribuí andares a todos. Lá virá o tempo.

No sótão, vive o urso. Urso ou pessoa, no sótão ou na cave, garante Hammett. Seja: um urso, a confirmar. E quem é Hammett?, perguntam. Sei e não sei. Perguntei-lhe no dia em que o conheci.

— Vivo com uma ama, Titania. — Hammett. — A minha mãe casou com o meu tio e fugiu para a Suíça.

Queria perguntar: «Porquê a Suíça?»

— E o teu pai, o que acha disso?

— O meu pai não acha nada, o meu pai morreu.

— E porquê a Suíça? — perguntei, finalmente.

— O meu pai não morreu na Suíça, o meu pai morreu em toda a parte.

Quando se morre, morre-se em toda a parte. Em breve aprenderia muito mais sobre morrer.

A memória é importante. A memória mente. Há memórias boas, memórias más e memórias mais ou menos. Eu não tenho memórias boas, por isso aprecio as memórias mais ou menos. As memórias mais ou menos também mentem.

O meu pai a largar-me na água do mar, e eu a aprender a nadar onde não tinha pé.

— Nada, miúdo, nada.

Afundi-me até ao pescoço, primeiro, e depois afundi-me mais, enquanto o meu pai gritava.

— Nada, nada, nada!

Regressei à superfície pelos meus próprios meios, pela minha mão. O meu pai, imóvel, sorria a uma altitude surpreendente. Compreendi nesse dia o que me une ao meu pai: nada.

O nada é para sempre. Regressar à superfície é como andar de bicicleta: nunca se esquece.

A areia quente colada aos pés molhados, nada apagava o sol, e eu cuspiam sal da boca, com água do mar.

— Por vinte euros, gostas do teu pai?

— Pai, faz-me outra pergunta.

— E por trinta euros?

Esse primeiro mergulho, lembro-o como um batismo. Sobrevivi. Desde aí, tem sido sempre sobreviver. Graças a Deus? Todos temos direito a ser humilhados, pelo menos uma vez, mas a humilhação não devia ter também deveres? Gostava de ter aprendido a nadar numa piscina, sem presença paterna. A família e a dor não são ficção, são realidade. Aqui está uma palavra amiga: ficção. Gosto menos da palavra realidade do que da palavra ficção.

— Gosto muito de ti.

— Eu também gosto de ti.

O meu pai diz o contrário do que pensa e eu respondo o contrário do que penso. Entendemo-nos bem. Chegámos ao guarda-sol, já eu não tinha água nos pulmões e os meus pés estavam secos por baixo, com a força do sol e o tato da areia, aquela presença onnipotente do calor e da maldade.

Uma semana depois do acontecimento na praia, passei horas a olhar a minha imagem na água de um rio. Estava tudo na minha cabeça, nem sequer molhei os pés. Não fosse estar a pensar no meu pai, e seria um mito grego.

*

O senhor Liar e a enfermeira Rosalinda vivem uma bonita amizade. Vejo-os tantas vezes juntos, que os imagino a serem assassinados no mesmo instante. Amizade ou amor, sou demasiado novo para filosofias. Na vida real, há balas capazes de atravessar um corpo e depois outro, se os dois corpos forem vizinhos, os corpos ou as cabeças. Com alguma sorte, o criminoso mata dois em vez de um.

*

Põem música para dançar e ninguém dança. O meu pai e a minha mãe, os dois sentados a um canto, num baile em que ninguém dança. Vivem os dois sozinhos, o meu pai, a minha mãe e eu, eu sou o terceiro, mas vejo tudo, sou uma figura do presépio, sou o burro ou a vaca. A dança é uma ciência e os meus pais não acreditam na ciência. Aquele dia em que os casais com filhos deixam de dançar, sem deixarem de ouvir a música. É assim que nos tornamos adultos e invisíveis?

Se os meus pais se amam? Se perderem a cabeça e disserem a verdade, será horrível. Se disserem mais do que a verdade, será original e medonho. Não é boa ideia os juízes exigirem toda a verdade. Os meus pais são dois sonâmbulos com medo de acordar e perceber que o outro se foi embora. Dormir é o medicamento dos desesperados. A literacia é o contrário do analfabetismo. Um casal magoa-se e nós dizemos que estão zangados, isso é analfabetismo. Perceber que se trata de violência doméstica é literacia. Estamos sempre a aprender.

Se são ricos, os meus pais? Não sei. Se são felizes? Preferia não falar disso. Se o dinheiro traz a felicidade? Há muitas teorias. Lá em casa, não somos ricos nem pobres. A maior riqueza é ser feliz. Uma coisa sei, não somos japoneses, não somos suecos, não somos argentinos. É bom saber o que não somos. Pensem em nós como os noventa e nove por cento, mais coisa, menos coisa. Os ricos são iguais a nós, mas têm mais saúde e vivem em casas com mais casas de banho. As mesmas necessidades, mas mais dinheiro. O meu pai diz que alguém nos aprisionou entre o liberalismo e o comunismo. A minha mãe diz que os pobres têm muito amor para dar, é uma coisa que ela diz.

Ainda não vos disse, o meu pai é um populista. Soube pela minha mãe, segredou-mo ao ouvido, numa noite em que o meu pai adormeceu no sofá e ressonava com o som da televisão desligado.

— O teu pai é po-pu-lis-ta — sussurrou, feita menina má.

O tom era o mesmo de uma visita ao jardim zoológico.

— Estás a ver? É o cro-co-di-lo!

*

A caminho da escola, um grafiti no muro acinzentado de uma quinta abandonada.

«*Se feliz*»

Apresso o passo, porque não é comigo. Não resisto, olho para trás.

«*Sê feliz*»

Tinha-me escapado o acento circunflexo. O alívio, a alegria. Apresso o passo e chego à escola cinco minutos antes da hora.

*

Veola é mais do que uma amiga. Um dia pousou a mão dela na minha, a mão dela estava fria e eu gostei. Segundos depois, já as nossas mãos suavam sozinhas. Suámos sem dizer nada, lá fora não fazia calor. Gostei da ideia de eu tocar em Veola e Veola tocar em mim. Desde esse dia, temos ido para além da ideia de tocar. Para cá, para cá da ideia de tocar.

Recapitulando, tenho dois amigos no meu arranha-céus, o príncipe da Dinamarca e Veola, que é mais do que uma amiga. Chamamos a Hammett príncipe da Dinamarca, príncipezinho, pequeno príncipe, outras coisas. Chamei ao meu prédio arranha-céus? É um prédio médio, nem arranha-céus, nem arranha-chãos.

O menino da Dinamarca, o rapaz da Dinamarca. O infante, o miúdo ou o moço do reino da Dinamarca. O garoto. A criança. Até o adolescente, tudo da Dinamarca. O filho, o herdeiro, o primeiro, o melhor e o principal. Da Dinamarca. Hammett tinha mais de uma certeza sobre o animal no sótão. Homem, toupeira ou elefante. Vira-o uma noite, a descer as escadas.

— É um homem — jurou. — Juro!

— Um homem? — perguntei.

— Alto. Um homem alto e estrangeiro. — Hammett esticou o braço na vertical e baixou a mão, na horizontal. — Um homem alto e negro — disse.

Jurou que a parte de baixo do homem usava pijama às riscas, o tipo de pijama às riscas que se vê nas capas dos livros sobre o Holocausto.

*

No dia seguinte, era noite, Hammett e eu subimos ao sótão, os dois sozinhos. Hammett subia à frente, armado de uma lanterna que afastava parte da escuridão, e eu seguia atrás dele, na escuridão propriamente dita. A porta. Demos três voltas à maçaneta, e a porta dizia «não, não», na velha linguagem das portas. Cedeu, finalmente, e passámos os dois juntos da realidade da escuridão das escadas à realidade propriamente dita da escuridão do sótão. Hammett apontou a lanterna às paredes, primeiro, depois ao teto e ao chão. O movimento da luz lembrava um filme mudo. O sótão estava minuciosamente desarrumado e desprendia aquele odor a caixa fechada há séculos. Espalhada no chão e nas prateleiras de uma estante sueca, havia comida suficiente para alimentar um homem meses a fio. Também havia livros. Norman Mailer e Joyce Carol Oates nas lombadas. Pelos títulos dos livros, percebemos que o homem era estrangeiro, mas não havia sinal do estrangeiro propriamente dito. A não ser duas luvas de boxe a descansar numa mesa baixa e duas almofadas amarradas uma à outra, a fazer de saco de boxe com a dedicação de um casal ou de um enforcado.

*

Como conheci Hammett, o príncipezinho?, perguntam.

- Posso chamar-te príncipezinho?
— Não.
— Posso ser teu amigo?
— Sim, mas tem de ser para sempre.
— Como se eu fosse uma raposa?
— Escolhe o animal que quiseres. Amigos são amigos,
e eu gosto de animais.

*

Pertencer a uma família disfuncional é ser obrigado a amar pessoas próximas de nós, que não nos vão abandonar. Enquanto comem e dormem, não nos abandonam. Enquanto dormem, não nos abandonam. Enquanto cantam no banho. O meu pai e a minha mãe, era tempo de serem felizes. O tempo é um deus poderoso, no fim morremos todos. Uma vantagem da vida sobre a morte? Continua. Por enquanto.

Uma razão para ficar triste? Amar os outros e os outros não nos deixarem amá-los. Experimentem.

O meu pai utiliza a palavra pai na terceira pessoa.

— O teu pai não gosta disso. O teu pai não está contente.

Um pai na terceira pessoa é uma tentativa de não estar comigo. Sou o contrário de um messias, o meu pai não me abandona, está sempre comigo, isso é bastante triste.

— Pai, pai, porque não me abandonaste?

Tento o *origami* de um avião. Eu sou o avião. O meu próprio corpo, papel. Os braços são importantes porque são as asas.

Origami

«Monto o *origami* de um avião. Eu sou o avião de papel, o meu próprio corpo papel. Os braços são importantes porque são as asas. Quando a dor aperta, faço um *origami* de mim mesmo. [...] Desta vez deitei-me no chão, pernas e braços em ângulo agudo, os cotovelos e os joelhos no chão, os pés no ar eram a cauda branca do avião. Estou descalço e esbracejo, as mãos imitam pássaros feridos. Com asas e cauda, sou quase todo avião. Tento espalmar-me no chão, fininho, feito japonês. Não consigo, afinal sou criança, não folha de papel.»

Neste romance, somos conduzidos por caminhos que divergem, que se cruzam e voltam a separar-se, e que confluem num território partilhado entre narrador e leitor, como num jogo de espelhos: *Origami* é uma história de família e de desencontros emocionais, ao mesmo tempo que é a narrativa de autodescoberta de um rapaz em busca de si mesmo e do seu lugar, numa trama que se desdobra ainda em retrato social, em crónica da contemporaneidade, em quebra-cabeças de um crime, em radiografia do fim dos tempos.



Servindo-se do tom despojado a que o autor nos vem habituando — ora ácido, ora melancólico —, *Origami* fala-nos da solidão acompanhada, essa grande doença do século, mas também nos confronta com o incomensurável drama coletivo das migrações. Pelo meio, há um misterioso homicídio para resolver. Ao dirigir a luz para lugares quase sempre cheios de sombra, este é um livro inesperadamente libertador.

«O que mais surpreende é a escala e o fôlego do projeto literário de José Gardezabal.»

José Mário Silva, *Expresso*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)
i [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895832194



9 789895 832194 >